



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ABAETETUBA
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA LINGUAGEM

THAMYRES DA CONCEIÇÃO CERQUEIRA LOPES

**A ESCRIVIVÊNCIA COMO RESISTÊNCIA NA OBRA PONCIÁ VICÊNCIO, DE
CONCEIÇÃO EVARISTO: NARRATIVA DE MEMÓRIA E IDENTIDADE**

ABAETETUBA
2025

THAMYRES DA CONCEIÇÃO CERQUEIRA LOPES

**A ESCRIVIVÊNCIA COMO RESISTÊNCIA NA OBRA *PONCIÁ VICÊNCIO*, DE
CONCEIÇÃO EVARISTO: NARRATIVA DE MEMÓRIA E IDENTIDADE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Ciências da Linguagem, do Campus Universitário de Abaetetuba, da Universidade Federal do Pará, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado(a) em Letras – Habilitação em Língua Portuguesa.

Orientador(a): Dr(a). Ângela Grillo

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

L864e Lopes, Thamyres da Conceição Cerqueira.
 A escritvivência como resistência na obra Ponciá Vicêncio, de
 Conceição Evaristo : narrativa de memória e identidade / Thamyres
 da Conceição Cerqueira Lopes. — 2025.
 16 f.

 Orientador(a): Prof^ª. Dra. Ângela Grillo
 Trabalho de Curso (Graduação) - Universidade Federal do Pará,
 Campus Universitário de Abaetetuba, Curso de Língua Portuguesa,
 Abaetetuba, 2025.

 1. Conceição Evaristo. 2. Escritvivência. 3. Memória.
 Identidade. 4. Literatura negra. I. Título.

CDD 869.9

THAMYRES DA CONCEIÇÃO CERQUEIRA LOPES

A ESCRIVIVÊNCIA COMO RESISTÊNCIA NA OBRA PONCIÁ VICÊNCIO, DE
CONCEIÇÃO EVARISTO: NARRATIVA DE MEMÓRIA E IDENTIDADE

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Faculdade de Ciências da Linguagem, do
Campus Universitário de Abaetetuba, da
Universidade Federal do Pará, como requisito
parcial para obtenção do título de
Licenciado(a) em Letras – Habilitação em
Língua Portuguesa.

RESUMO

Este artigo analisa a obra *Ponciá Vicêncio* (2003), de Conceição Evaristo, à luz do conceito de *escrevivência*, compreendido como prática literária e política de resistência. Através da trajetória da protagonista, investigam-se os modos como memória e identidade se entrelaçam na construção da subjetividade negra. A partir de uma abordagem qualitativa e analítica, o estudo evidencia como a literatura de Evaristo reconfigura o espaço simbólico da escrita literária, rompendo com narrativas eurocêntricas e apresentando as vivências negras como centro da experiência literária. A *escrevivência*, nesse contexto, revela-se uma estética de resgate onde se reafirma a identidade e memória do povo afro-brasileiro.

Palavras-chave: Conceição Evaristo. *Escrevivência*. Memória. Identidade. Literatura negra

ABSTRACT

This article analyzes *Ponciá Vicêncio* (2003), by Conceição Evaristo, through the concept of *escrevivência*, understood as a literary and political practice of resistance. Through the protagonist's trajectory, the study investigates how memory and identity intertwine in the construction of Black subjectivity. Based on a qualitative and analytical approach, the research demonstrates how Evaristo's literature reconfigures the symbolic space of writing, breaking with Eurocentric narratives and placing Black experiences at the center of literary creation. In this context, *escrevivência* emerges as an aesthetic of recovery that reaffirms the memory and identity of the Afro-Brazilian people.

Keywords: Conceição Evaristo; *Escrevivência*; Memory ; Identity; Black literature

Sumário

1. Introdução.....	6
2. Escrivência e subjetividade negra: o grito que rompe o silêncio.....	8
3. A literatura como direito de todos.....	10
4. A Reconstrução da Identidade pela Memória.....	12
5. Considerações finais.....	15
6. Referência.....	17

1. Introdução

A obra desta análise é *Ponciá Vicêncio* (2003) da autora brasileira Conceição Evaristo. Além de escritora, Evaristo é Linguista Graduada em Letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e mestre em Literatura, atualmente ocupa uma cadeira na Academia Brasileira de Letras. A autora é uma das principais representantes da literatura afro-brasileira, com obras como *Olhos d'Água* (2014), *Beco das Memórias* (2006) e *Ponciá Vicêncio* (2003). As obras de Evaristo se destacam por unir as suas próprias vivências com de outros sujeitos, principalmente as de mulheres negras, fazendo assim da literatura um espaço que se compromete com questões sociais, um espaço para sujeitos que, por muito tempo, eram invisíveis no Brasil, e silenciados pelo racismo presente na sociedade. Seguindo esse pensamento, este trabalho apresenta uma leitura e uma análise de sua obra mais significativa para a literatura brasileira: *Ponciá Vicêncio* (2003), no romance se acompanha a vida de Ponciá e sua trajetória ao longo da sua autodescoberta, sua vivência nos faz refletir sobre identidade, lembrança e pertencimento, oferecendo novos significados para essas questões dentro da literatura.

Conceição Evaristo aborda temas extremamente relevantes para a sociedade brasileira, com suas narrativas que são carregadas de experiências de mulheres negras, evidenciando as marcas deixadas pelo racismo. Nesse sentido, a memória e a resistência são uns dos elementos presentes em suas obras, e também exercem papel de eixos estruturantes das narrativas. Com isso, Evaristo constrói uma literatura que se compromete em fazer denúncias e valorizar as subjetividades negras, fazendo da literatura uma forma de expressão e de transformação. Para a autora, a literatura é um caminho para preservar a memória coletiva e, ao mesmo tempo, afirmar quem somos. Em *Ponciá Vicêncio* (2003), isso fica em evidência na forma como a vida da protagonista e dos personagens principais são desenvolvidas. A trama apresenta nuances cheias de lembranças, silêncios e dores que enfatizam de como é desafiador para sujeitos afro-brasileiros construir suas identidades em um Brasil que ainda carrega as marcas da escravidão de forma muito viva. A autora cria, assim, uma literatura que não só emociona, mas também questiona, denuncia e transforma a sociedade. Seguindo esse pensamento nota-se que a literatura na visão de Evaristo, é um espaço de construção de memória coletiva, além de um local de afirmação identitária e de resistência simbólica. É sob essa visão que se insere o presente estudo dedicado ao romance *Ponciá Vicêncio* (2003), pois

a obra apresenta de forma sensível e crítica, a vivência do povo negro brasileiro, elementos apresentados no decorrer dos capítulos que narram vida de Ponciá.

A história traz à tona os impactos gerados pelo racismo como antes mencionado e como essa memória é significativa para a construção de uma identidade em meio às dificuldades vividas após a liberdade desses sujeitos. Nesse sentido, ela direciona a abordagem literária para esses protagonistas invisibilizados, com especial ênfase nas vozes de mulheres negras e suas histórias de vida, assim Ponciá, se apresenta como figura principal da obra, sua figura representa vozes ancestrais, cujas memórias, afetos e identidades são reconstruídos por meio de uma linguagem literária marcada pela crítica social e por um lirismo singular, reforçando a dimensão subjetiva dessas mulheres. Evaristo elabora o conceito de *escrevivência*, termo este criado ao usar “escrita” e “vivência”, para designar a nova forma de literatura que brota das experiências reais da vida, sobretudo das vivências de mulheres negras, incluindo sua própria trajetória de vida em sua escrita. Como a autora mesmo expressa (Evaristo 2011), a *escrevivência* transcende o relato pessoal e se constitui como um gesto político e estético de resistência frente aos apagamentos históricos impostos à população negra no Brasil. Ou seja, tal estratégia de criação pode servir ao autor que lança mão da linguagem para fazer denúncias rompendo com os modelos tradicionais e eurocentrados presente em parte significativa da literatura, como a brasileira.

O conceito de *escrevivência* configura-se como forma de resistência por meio do enlace entre memória e identidade. Em Ponciá Vicêncio (2003), ocorre principalmente por meio da trajetória fragmentada da protagonista onde a mesma é delineada através da linguagem e transita entre o real e simbólico, entre o pessoal e o coletivo. Nessa perspectiva, a memória ultrapassa o campo da simples lembrança, transformando-se em instrumento de reconstrução da personagem, de retorno às suas origens e de resistência simbólica, assim, ultrapassando as lutas físicas e confortos direto e chegando ao momento de utilizar a linguagem literária para resgatar memórias apagadas. Nesse processo, lembrar não é só voltar ao passado, mas também encontrar forças para seguir em frente. A *escrevivência* afirma-se, nesse contexto, como uma estética da resistência, em que a palavra não apenas narra, mas também abriga memórias, denuncia desigualdades e reinventa subjetividades. A memória atua como elemento estruturante da narrativa, ou seja, como a elemento no basilar do romance. Serve para compreender como a protagonista reconstrói sua identidade por meio de sua história e raízes dos recursos linguísticos e estéticos que sustentam a *escrevivência* como

prática literária. Em diálogo com Conceição Evaristo (2011), e Antonio Cândido (2004), Alfredo Bosi (1979) e Grada Kilomba (2019), propomos refletir sobre o romance como literatura que contribuiu para contar histórias, guardar memórias e resistir.

2. Escrivência e subjetividade negra: o grito que rompe o silêncio

Tal como já foi mencionado anteriormente, Evaristo rompe com paradigmas ao introduzir no centro de seus trabalhos as vozes e experiências da população negra, isso faz que ao contar suas histórias o leitor se torne uma testemunha das experiências narradas, o leitor não é apenas um observador, mas se torna testemunha de vidas profundamente atravessadas por desigualdades, muitas vezes reconhecendo-se nessas trajetórias. Em um depoimento concedido em 25 de julho de 2020, durante um encontro virtual, Evaristo afirma que a escrevivência é uma forma de romper com o passado em que o corpo-voz das mulheres negras era silenciado e controlado por estruturas escravocratas (Evaristo, 2020, p. 30). Essa escrita nasce da vivência, e por isso carrega uma força coletiva, histórica e transformadora. Esse rompimento de passando e reconstrução identitária é visível em *Ponciá Vicêncio* (2003) isso se evidencia em dos trechos marcantes do romance em que a protagonista diz “chorava e não sabia por que chorava. Sentia-se como se tivesse sido inventada por outra pessoa” (Evaristo, 2003, p. 15).

Nesse trecho a autora descreve o choro sem nome de Ponciá e a sensação de ter sido “inventada” revelando as marcas profundas do apagamento histórico e da identidade fragmentada — consequências diretas das violências e apagamento histórico dos sujeitos negros ao longo dos séculos. perda da própria história, a desconexão com suas raízes. O próprio nome da personagem, herdado do antigo coronel Vicêncio, é uma marca simbólica da escravidão. Ou seja, o próprio nome de Ponciá não era seu, mas sim do coronel Vicêncio outro trecho podemos comprovar essa visão: “Ponciá”. Um nome esquisito. Herdado do patrão de seu pai, o coronel Vicêncio, dono de terras, gado e gente.” ou seja, mesmo após serem livres ainda viviam sob as rédeas do coronel Vicêncio e ainda levavam seu nome. Dessa maneira, a escrevivência emerge como resposta a esse silenciamento, reivindicando o direito à memória e à história. Ao longo do romance, Ponciá percorre um caminho para se reencontrar, e se reconectar com suas origens, memórias e afetos — ainda que, por vezes, de forma dolorosa e fragmentada.

Ela acreditava que poderia traçar outros caminhos, inventar uma vida nova. E avançando sobre o futuro, Ponciá partiu no trem do outro dia, pois tão cedo a máquina

não voltaria ao povoado. Nem tempo de se despedir do irmão teve. E agora, ali deitada de olhos arregalados, penetrados no nada, perguntava-se se valera a pena ter deixado a sua terra. O que acontecera com os sonhos tão certos de uma vida melhor? Não eram somente sonhos, eram certezas que haviam sido esvaziadas no momento em que perdera o contato com os seus. E agora feito morta-viva, vivi. (Evaristo, 2003, p.25)

Sua trajetória expõe os impactos da diáspora, da migração e das rupturas familiares como heranças de um passado escravocrata que ainda reverbera no presente. Além disso, a personagem, marcada por silêncios e esquecimentos, simboliza o sujeito negro que busca reconstruir sua identidade a partir das lacunas deixadas pela história oficial. Nesse sentido, a memória não se restringe ao campo individual, mas torna-se um gesto político de resistência. Como afirma Evaristo, escrever é também rememorar os que vieram antes, dar voz aos que foram calados.

Nesse viés, vale trazer para a reflexão a estudiosa Grada Kilomba, para quem “falar é uma ruptura radical com o silêncio histórico que foi imposto” (Kilomba, 2019, p.19). Assim como a escrevivência em Evaristo, e o ato de narrar não é apenas uma forma de expressão, mas um movimento de libertação, ou seja, é uma maneira de reescrever a narrativa do opressor. Essa ideia é reforçada em *Ponciá Vicêncio* no momento em que a protagonista, mesmo desejando se expressar, se vê atravessada por um bloqueio silencioso “Ela queria falar, contar, dizer. Mas as palavras estavam ali, escondidas, amontoadas, emboladas dentro dela.” (Evaristo, 2003, p. 77). O trecho citado evidencia que, para quem foi sistematicamente silenciado, o ato de falar não é fácil nem imediato. No entanto, trata-se de um gesto urgente e profundamente transformador — um ato de libertação e de afirmação da própria existência. Nesse sentido, na narrativa se incorporam elementos como a ancestralidade, a oralidade e a religiosidade popular, que atravessam a experiência da personagem e aproximam o leitor de uma realidade muitas vezes negligenciada pela literatura canônica, pois aqui o centro da narrativa são personagens negros com suas dores, histórias e resistências. Ou seja, Evaristo não apenas amplia o campo da representação literária, mas também inscreve novas possibilidades de existência e reescreve a memória coletiva a partir da vivência e da subjetividade negra.

Dessa maneira, a escrevivência emerge como resposta a esse silenciamento, reivindicando o direito à palavra. Ao longo da narrativa, Ponciá percorre um caminho de reencontro com suas origens, com seu povo ancestral, aspectos representados por sua família que ficaram no povoado. Além disso, são marcantes as relações de memórias e afetos — ainda que, por vezes, as memórias se apresentem de forma dolorosa e fragmentada em vários

momentos. A trajetória de Ponciá trajetória expõe os impactos da diáspora, da migração e das rupturas familiares como heranças de um passado escravocrata que ainda reverbera no presente. Além disso, a personagem, marcada por silêncios e esquecimentos, simboliza o sujeito negro que busca reconstruir sua identidade a partir das lacunas deixadas pela história oficial. Nesse sentido, a memória não se restringe ao campo individual do indivíduo, mas torna-se coletiva, pois a construção do sentido ocorre por meio da lembrança da protagonista.

Desse modo, a narrativa de *Ponciá Vicêncio* (2003) incorpora com vigor elementos como a ancestralidade, a oralidade e a religiosidade popular, que atravessam a experiência da personagem e aproximam o leitor de uma realidade muitas vezes negligenciada pela literatura canônica. Ao trazer para o centro da narrativa personagens negros com suas dores, histórias e resistências, Evaristo não apenas amplia o campo da representação literária, mas também inscreve novas possibilidades de existência e reescreve a memória coletiva a partir da vivência e da subjetividade negra.

3. A literatura como direito de todos

A literatura desempenha um papel importante na formação ética e afetiva do sujeito e tem o poder de transformá-lo. Nesse viés Cândido (2004), afirma que a literatura é um direito humano essencial pois tem o poder de humanizar o sujeito, ou seja, a literatura é compreendida como um direito humano fundamental, pois contribui para o processo de humanização ao desenvolver a sensibilidade diante da dor alheia. Para o autor, a literatura “humaniza na medida em que torna o homem mais sensível ao sofrimento do outro” (Candido, 2004, p. 183). Longe de ser apenas entretenimento, a literatura é espaço de reconhecimento, de escuta e de transformação.

Ademais, é possível dizer que a produção literária pode revelar-se como um espaço de identificação, de reconhecimento do outro e de compreensão crítica da experiência dos sujeitos na sociedade. Nesse contexto Evaristo faz da literatura um instrumento de denúncia e “humanização”, na medida em que aponta para sua capacidade de despertar empatia do leitor, de modo que o mesmo possa compreender experiências que, por vezes, são distintas das suas ou não possíveis serem elaboradas. Logo, além de instruir ou fazer com que o leitor sinta emoções, o romance alinha-se na perspectiva de Cândido incluindo na produção literária vozes antes negligenciadas. A autoria negra, portanto, reforça a ideia de que a humanidade, em sua universalidade, não pode viver sem ela. Assim como Cândido destacou que a literatura

é um direito básico de todo povo e que ela tem, um enorme poder de humanizar, ela também pode ser uma forma de mobilização cultural, social e política. A literatura é uma forma de refletir sobre a história e vivências de um povo por meio das narrativas, como podemos verificar no seguinte fragmento, em que Ponciá a experimenta uma dor silenciosa e sem nome e o leitor é conectado com o mesmo sentimento da protagonista.

Ponciá chorava e não sabia por que chorava. Ela se sentia tão longe dela mesma. [...] Tinha lembrança da infância, dos brinquedos de barro, das bonecas que fazia com o barro molhado da beira do rio. De repente, tudo parecia tão longe, como se fosse mentira, como se tivesse sido inventado por outra pessoa. (Evaristo, 2003, p. 22).

Desse modo, o leitor não apenas conhece a trajetória de Ponciá que é marcada pela perda e deslocamento no meio urbano, mas vivencia a ruptura identitária que marca a vida da protagonista. Assim, a narrativa ultrapassa os limites da estética para se configurar como instrumento de humanização, memória e resistência.

Quando falamos de sujeito na literatura negra, não estamos falando de um sujeito particular, de um sujeito construído segundo uma visão romântico-burguesa, mas de um sujeito que está abraçado ao coletivo (Evaristo, 2010, p.05)

Nota -se que para a autora a literatura vai além, apresentando a literatura como forma de expressar suas vivências e as do seu povo e não mais as do sujeito de elite. Os personagens de Evaristo ultrapassam a escrita e se apresentam ao leitor como eles mesmos. O leitor se reconhece, então, na forma poética e realista dos momentos narrados ao longo da vida de Ponciá. Esses sujeitos e suas vivências ultrapassam a escrita e se encontram com leitor como si próprio, o espectador então se vê na forma poética e realista em cada momento ao longo da vida de *Ponciá*. Nesse viés, Ponciá é uma figura atravessada por memórias e identidade que não só as suas, mas também as de seu povo. Os seus que chegaram ao Brasil com escravizados que foram retirados de sua própria terra, e que, mesmo após a chamada “liberdade”, ainda eram escravos, porém, agora sob o nome de “trabalhadores” de seus coronéis como é o caso do coronel Vicêncio.

O pai trabalhava para o coronel na lida da roça. Trabalhar de sol a sol era como viver. E trabalhar para o coronel era um destino que todos aceitavam. Ninguém reclamava. Era assim desde sempre. (Evaristo, 2003, p. 13)

Nesse fragmento nota-se a dura realidade vivida por sua família. Seu pai, Vicêncio, era submetido a condições de exploração típica das relações de trabalho herdadas do sistema escravocrata, muito comuns no Brasil, principalmente em zonas rurais. Onde mesmo após a

assinatura da lei Áurea ainda se vivia a escravidão disfarçada de liberdade. Carregado assim, de significado, Evaristo apresenta logo no início do romance momentos marcantes para a vida de Ponciá, apresentando ao leitor a condição histórica de sujeitos negros no Brasil pós-escravidão. Ao utilizar o termo “destino”, a autora sugere algo que vai além do conceito comum: esse destino representa uma herança histórica de exploração que é aceita como natural. A sentença “era assim desde sempre” (Evaristo, 2003, p.13) reforça essa continuidade histórica, que revive a memória coletiva da comunidade negra. Dessa forma, Ponciá Vicêncio é uma obra que apresenta os pesares, o deslocamento, a resistência e a renovação identitária de um povo. A literatura aqui se torna, como disse Cândido, um direito e uma necessidade, um lugar de luta, conexão emocional e de transformação de sujeitos.

4. A Reconstrução da Identidade pela Memória

Diante de toda a mazela herdada por Ponciá, a identidade e memória tornaram-se elementos de superação e uma nova forma de afirmação do seu povo. A identidade de Ponciá é construída a partir de fragmentos, lembranças e dores. Nesse processo, a memória torna-se instrumento de contestação, ou seja, no romance, observa-se claramente esse elo entre passado de Ponciá e seu presente, no qual a personagem reconstrói não apenas a sua própria história, mas também a de seus ancestrais, resgatando uma identidade que havia sido apagada ao longo do tempo pela violência, pelo racismo e pelo silêncio imposto.

O tempo passava, a menina crescia e não se acostumava com o próprio nome. Continuava chamando o nome de distante. Quando aprendeu a ler e a escrever, foi pior ainda, porque ao descobrir o acento agudo de Ponciá. Às vezes, num exercício de auto, ela copiava o nome e repetia-o, numa tentativa de se achar, de encontrar o seu eco. E era tão doloroso quando grafava o acento. Era como se estivesse lançando sobre si mesma uma lâmina a torturar-lhe o corpo. Ponciá Vicêncio sabia que o sobrenome dela tinha vindo desde antes do avô de seu avô, o homem que ela havia copiado de sua memória para o barro e que a mãe não gostava de encarar. (Evaristo, 2003, p.22)

Nesse sentido, vale lembrar que, segundo Alfredo Bosi (1979), a memória é carregada de afetividade e conserva os fatos vividos com maior intensidade emocional. Na obra analisada, as lembranças não são apenas individuais, mas carregam uma herança coletiva. Ou seja, a memória não é neutra, ela está atravessada pela afetividade e, por isso, carrega consigo marcas como a vergonha, a exclusão, o silêncio e o desejo de compreensão. A lembrança não é apenas um eco do passado, mas uma cicatriz viva no presente, um ponto de inflexão na

consciência da personagem sobre seu lugar no mundo. Como afirma o autor “A memória dos velhos é seletiva: conservam os fatos significativos, os que foram vividos intensamente, com carga emocional”. (Bosi, 1979, p. 25).

Em *Ponciá Vicêncio* (2003) essas lembranças não são individuais, exercem o papel crucial: elas não apenas conectam o passado ao presente, mas também mobilizam a reconstrução da identidade negra e feminina, permitindo que a personagem reencontre suas raízes, se reconheça e resista às formas históricas de apagamento. Grada Kilomba (2019), afirma que “O passado colonial foi "memorizado" no sentido em que "não foi esquecido". Às vezes, preferimos não lembrar, mas, na verdade, não se pode esquecer. A autora ainda afirma que a teoria da memória de Freud é, na realidade, uma teoria do esquecimento. Ela pressupõe que todas as experiências, ou pelo menos todas as experiências significativas, são registradas, mas que algumas ficam indisponíveis para a consciência como resultado da repressão e para diminuir a ansiedade. Já outras, no entanto, como resultado do trauma, permanecem presentes de forma espantosa. Não se pode simplesmente esquecer e não se pode evitar lembrar” (Kilomba, 2019, p. 21)

Pajem do sinhô-moço, escravo do sinhô-moço, tudo do sinhô-moço, nada do sinhô-moço. Um dia o coronelzinho, que já sabia ler, veio ver se o negro aprendia os sinais, as letras de branco, e começou a ensinar o pai de Ponciá. O menino respondeu logo ao ensinamento do distraído mestre. Em pouco tempo reconhecia todas as letras. Quando sinhô-moço se certificou de que o negro aprendia, parou a brincadeira. Negro aprendia sim! Mas o que o negro ia fazer com o saber de branco? O pai de Ponciá Vicêncio, em matéria de livros e letras, nunca foi além daquele saber. (Evaristo, 2003, p. 14)

O racismo cotidiano funciona segundo Kilomba (2009) como uma forma de pedagogia da violência, ensinando desde cedo ao sujeito negro qual é o lugar que a sociedade lhe reserva — um lugar de subalternidade, exclusão e silêncio. Essa repetição de violências simbólicas produz marcas profundas na subjetividade, comprometendo a construção da autoestima, da linguagem e do pertencimento. A identidade, nesses termos, não se forma de maneira neutra: ela carrega as cicatrizes dessas vivências. Ou seja, Kilomba (2019) interpreta essa violência cotidiana como pedagogia do racismo, ensinamento silencioso e persistente sobre o lugar reservado às pessoas negras. A vergonha, o silêncio e a exclusão são aprendidos desde cedo. No entanto, como Evaristo nos mostra, a memória também é arma: resgatar essas lembranças é reivindicar o direito de existir, de contar e de ser ouvida. Nesse viés, Ponciá é atravessada

por experiências que revelam o impacto do racismo na formação de sua identidade, desde a infância até a vida adulta. A lembrança de não compreender uma palavra dita pela patroa, por exemplo, vai muito além do constrangimento momentâneo — ela se transforma em cicatriz de memória e símbolo de exclusão. Em diálogo com Kilomba, é possível dizer que essas cenas não são banais, mas formam no romance brasileiro também uma espécie de “memória da plantação”, na qual a violência herdada do colonialismo continua a ser atualizada no presente. A literatura de Evaristo, ao dar voz a essas experiências, rompe com o silenciamento e transforma a memória individual em denúncia coletiva.

Ponciá é atravessada pela subjetividade, com isso, sua dor e anseios que emergem do corpo, em seu íntimo, externam emoções ocultas guardadas através do tempo, revelando a fragmentação de sua identidade e o impacto das violências sociais. A violência sofrida, portanto, não é somente dela, trata-se de uma dor ancestral de um povo que deixou marcas fragmentadas na identidade das pessoas, marcas do colonialismo e do racismo estrutural. Ao recuperar essas lembranças, mesmo que de forma difusa, a personagem inicia um processo de reconfiguração de si, em que a memória não é apenas um retorno ao passado, mas também um caminho de cura e reconstrução. Assim, Conceição Evaristo mobiliza a subjetividade como estratégia narrativa, dando voz às emoções, às ausências e aos silêncios que constituem a vivência de muitas mulheres negras.

Nunca esqueceu o dia em que a patroa lhe pediu para que ela pegasse o peignoir e, atendendo prontamente o pedido, ela levou-lhe a saboneteira... Anos se passaram, mas ainda guardava viva a cena — como se estivesse gravada na carne. A palavra estrangeira, dita com desdém, se transformou em cicatriz de memória. Não era apenas sobre o erro; era sobre o lugar que lhe foi reservado, sobre o que podia ou não saber, tocar ou vestir (Evaristo, 2003, p. 41)

Nesse trecho a lembrança que toma conta da protagonista, essa lembrança não é apenas um registro ou fragmento da sua memória, lembrar-se é reexistir; é afirmar que sua experiência, mesmo inviabilizada por uma parcela da sociedade, tem valor, tem voz e pode ser contada. A memória de não compreender uma palavra dita pela patroa, por exemplo, transforma-se em uma cicatriz emocional, um símbolo de exclusão e inferioridade. Kilomba (2019) aponta que “a repetição do racismo cotidiano constitui um lugar de humilhação permanente”, onde a linguagem, o corpo e o saber tornam-se territórios de disputa e negação. Nesse sentido, a escrita de Conceição Evaristo, dá forma a essas experiências, rompe com o silenciamento histórico e transforma a memória pessoal em denúncia coletiva. Como nos lembra Conceição Evaristo, em sua teoria da escrevivência, “nossas escrevivência não nascem do acaso. Elas são carregadas de uma fala que busca dar conta de um cotidiano muitas vezes dilacerante.” (Evaristo, 2020, p. 54). A memória, portanto, não é mero arquivo do passado, mas espaço de produção de sentido e afirmação de existência.

Nesse contexto, a escrita assume a função de reivindicar uma história própria, interrompendo o silenciamento histórico das vozes subalternizadas. Ao dar forma à lembrança da humilhação, a personagem transforma uma dor privada em denúncia coletiva. Sua memória torna-se então instrumento de autonomia, expressão de uma subjetividade que resiste, mesmo nas dobras do esquecimento alheio. A memória, não é apenas um registro ou fragmento, lembrar para Ponciá reexistir; é afirmar que sua experiência, mesmo inviabilizada, tem valor, tem voz e pode ser contada. A memória de não compreender uma palavra dita pela patroa, por exemplo, transforma-se em denúncia de uma cicatriz emocional, presente como símbolo de exclusão e inferioridade. Kilomba (2019) aponta que “a repetição do racismo cotidiano constitui um lugar de humilhação permanente”, onde a linguagem, o corpo e o conhecimento tornam-se territórios de disputa e negação e a escrita de Conceição Evaristo, ao dar forma a essas experiências, rompe com o silenciamento histórico e transforma a memória pessoal em denúncia coletiva.

Quando Ponciá Vicêncio resolveu sair do povoado em que nascera, a decisão chegou forte e repentina. Estava cansada de tudo ali. De trabalhar o barro com a mãe, de ir e vir às terras dos brancos e voltar de mãos vazias. De ver a terra dos negros coberta de plantações, cuidadas pelas mulheres e crianças, pois os homens gastavam a vida trabalhando nas terras dos senhores e, depois, a maior parte das colheitas serem entregues aos coronéis. Cansada, da luta insana, sem glória, a que todos se entregavam para amanhecer cada dia mais pobres, enquanto alguns conseguiam enriquecer-se a todo dia. Ela acreditava que poderia traçar outros caminhos, inventar uma vida nova. E, avançando sobre o futuro, Ponciá partiu no trem do outro dia, pois tão cedo a máquina não voltaria ao povoado. (Evaristo, 2003, p.16)

A identidade, portanto, não é estável ou dada, mas construída e constantemente reconfigurada diante das experiências raciais que marcam a existência como no fragmento do romance. A memória, nesse contexto, não se limita ao passado; ela se atualiza nas ações do presente e torna-se resistência. Ao narrar essas experiências, Evaristo permite que a personagem e o leitor enfrentem o trauma e o transformem em voz. Lembrar, nesse sentido, é um ato de resistência, uma forma de afirmar que essas vidas importam, que essas histórias existem e que a literatura é um espaço legítimo para guardá-las e propagá-las.

5. Considerações finais

O estudo do romance *Ponciá Vicêncio* (2003) buscou demonstrar como a escrevivência se molda como prática literária e política de resistência, principalmente, a partir

da articulação entre memória, identidade e linguagem. Conceição Evaristo cria uma prosa em que as experiências negras não são exceção, mas estão no centro da narrativa, em uma produção literária que denuncia, acolhe e transforma. A trajetória de Ponciá mostra que lembrar é reexistir. Ao recuperar suas raízes e reconhecer suas dores e perdas, a personagem inicia um processo de reconstrução identitária, desde o momento em que pega o trem para fora do vilarejo até se sentir vazia e voltar para os seus, que simboliza também o movimento de resistência do povo negro. Nesse sentido, a escrevivência revela-se como estética do resgate, da dignidade e da potência coletiva. A personagem Ponciá percorre um trajeto simbólico de reencontro com sua história, e com sua ancestralidade, demonstrando que lembrar, narrar e resistir são atos profundamente conectados. A escrevivência, portanto, inscreve a experiência negra na literatura não como exceção, mas como parte fundamental da narrativa nacional, reivindicando o direito à palavra, à memória e à existência.

Ao se revelar como prática de resistência simbólica e de reinvenção identitária, escrevivência reafirma o papel da literatura enquanto instrumento de denúncia, conscientização e humanização. A obra de Conceição Evaristo, evidencia como a literatura pode atuar não apenas como forma de expressão artística, mas também como espaço de disputa e resistência frente às violências históricas e sociais impostas à população negra no Brasil. Além disso, a articulação entre memória e identidade no romance é evocada não apenas como resgate do passado, mas como um instrumento de reconstrução do presente e de projeção do futuro. Ponciá Vicêncio é para o povo negro um retrato de como a sua raiz e sangue são partes do que eles são. Ponciá queria apenas melhorar sua vida, porém não notou que tudo o que ela era estava conectado com o lugar de onde saiu. Ao notar que sentia falta de tudo que o barro significava tentou voltar. Assim, a construção da identidade de Ponciá se dá em constante diálogo com suas origens e com as marcas da diáspora africana, demonstrando que lembrar, para os sujeitos historicamente marginalizados, é também um ato de resistência.

6. Referência

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1979.

CANDIDO, Antonio. *O direito à literatura*. In: _____. *Vários escritos*. 5. ed. São Paulo: Duas Cidades, 2004.

EVARISTO, Conceição. *Ponciá Vicêncio*. São Paulo: Pallas, 2003.

EVARISTO, Conceição. *Escrevivência: a escrita de nós*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2011.

KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. 2. ed. São Paulo: Cobogó, 2019.